



DOUTOR TITO LIVIO DE CASTRO: NOVAS LUZES SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM INESPERADO MÉDICO NEGRO NA CAPITAL DO BRASIL OITOCENTISTA

José Antonio Novaes da Silva¹

Resumo: Tito Lívio de Castro (1864-1890) foi um médico negro darwinista que viveu no Rio de Janeiro oitocentista e que teve sua vida ceifada pela tuberculose quando este apresentava apenas 26 anos de idade. Seu contato com as primeiras letras ocorreu em casa, alfabetizado pelo seu padrinho, um português chamado de Manoel Paes, que o criou após ter sido exposto em sua porta com tenra idade. Sua instrução formal, por sua vez, teve início no Liceu Comercial, indo em seguida para o então renomado Colégio Pedro II, no qual se formou em Letras (1883). Em 1884, iniciou seu curso superior na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo se formado médico, doutorando-se em dezembro de 1889. Sua tese de doutorado, *Das allucinações e ilusões*, desenvolvida junto à cadeira de Psiquiatria, foi muito bem acolhida e elogiada, abrindo-lhe caminho para ocupações de destaque. De sua produção intelectual, constam ainda dois livros que foram publicados postumamente, são eles: *A mulher e a sociogenia* (1893) e *Questões e problemas* (1913). Considerando estes estudos produzidos pelo doutor Tito Lívio, neste artigo, procuramos analisar os seus escritos, mostrando que, embora fosse darwinista e um epígono de Sylvio Romero, ao debruçar sobre a psicologia da mulher, buscou desvendar sua psique, trazendo uma inovadora interpretação acerca das mulheres, pois o jovem médico escolheu para seus estudos não o ventre feminino e seu aparelho reprodutor, como era hábito nesta época, mas o cérebro desta, sobre o qual assinala a possibilidade da evolução feminina, se devidamente estimulada pela Educação. Contrapôs-se também aos estereótipos que as viam como pessoas movidas, sobretudo, pela emoção. Para o desenvolvimento deste artigo, baseamo-nos em variados documentos acerca da trajetória de vida de Tito Lívio e, como dito, de sua produção intelectual. Procuramos, assim, lançar algumas luzes sobre sujeitos sociais, em particular de Tito Lívio, que viveram no contexto dos últimos anos do século, explicitando seu protagonismo em sociedade, na qual predominavam o racismo científico e uma visão extremamente negativa da população negra

Palavras-chave: darwinismo; educação da mulher; evolução; sociogenia.

DOCTOR TITO LIVIO DE CASTRO: NEW PERSPECTIVES ON THE LIFE TRAJECTORY OF AN UNEXPECTED BLACK PHYSICIAN IN THE CAPITAL OF NINETEENTH-CENTURY BRAZIL

Abstract: Tito Lívio de Castro (1864-1890) was a black Darwinian physician who lived in Rio de Janeiro in the 19th century and who passed away prematurely due to tuberculosis when he was only 26 years old. He was literate by his godfather, Manoel Paes, who created him when he was abandoned at his door at a young age. His formal education, on the other hand, began at *Liceu Comercial*, following to the renowned *Colégio Pedro II*, where he graduated in Languages (1883). In 1884, he began his higher education at the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro, having graduated and finishing his doctorate in 1889. His doctoral thesis, developed next to the discipline of Psychiatry, *Das allucinações e ilusões*, was very well received and praised, opening possibilities to occupy prominent jobs. Of his intellectual production, there are still two books that were published posthumously: *A mulher e a sociogenia* (1893) and *Questões e problemas* (1913). Considering these studies produced by Doctor Tito Lívio, in this

¹ Professor Associado 4 do Departamento de Biologia Molecular/UFPB. Integrante da linha de Ensino Aprendizagem do PPGE e também do NEABI, ambos da UFPB. Assessor de graduação do CCEN/UFPB. Email: baruty@gmail.com



article, we aim at analyze his writings, showing that, although he was Darwinian and an epigone of Sylvio Romero, when he looked at the psychology of women, he sought to unveil female psyche, bringing an innovative interpretation of women, since the young physician chose to study female brain and not the female womb and her reproductive system, as usual at this time, which has demonstrated the possibility of female evolution, if properly stimulated by Education. He also countered the stereotypes that saw them as people moved, above all, by emotion. For the development of this article, we have based ourselves on diversified documents about Tito Lívio's life trajectory and, as mentioned before, regarding his intellectual production. Thus, we sought to provide information about social subjects, particularly Tito Lívio, who has lived in the context of the last years of the century, explaining his protagonism in society, in which scientific racism has predominated and an extremely negative view of the black population.

Keywords: darwinism; woman education; evolution; sociogenia.

DOCTEUR TITO LIVIO DE CASTRO: NOUVELLES LUMIERES SUR LA TRAJECTOIRE DE LA VIE D'UN MEDECIN NOIR INATTENDU DANS LA CAPITALE DU BRESIL AU XVIII EME SIECLE

Résumé: Tito Lívio de Castro (1864-1890) était un médecin darwiniste noir qui a vécu au XIX^{ème} siècle à Rio de Janeiro et qui a eu sa vie écourtée par la tuberculose à l'âge de 26 ans. Son contact avec les premières lettres s'est fait chez lui lorsqu'il a été alphabétisé par son parrain, un portugais nommé Manoel Paes, qui l'a élevé après l'avoir trouvé devant sa porte, encore à un jeune âge. Son éducation formelle a commencé au Lycée Commercial, puis il est allé au célèbre Colégio Pedro II où il s'est diplômé en Lettres (1883). En 1884, il a commencé ses études supérieures à la Faculté de médecine de Rio de Janeiro où il a obtenu son diplôme de médecin et, en décembre 1889, le titre de docteur. Sa Thèse de doctorat, *Des hallucinations et illusions*, développée dans le domaine de la psychiatrie, a été très bien accueillie et saluée, lui ouvrant la voie à des postes renommés. Quant à sa production intellectuelle, il y a deux livres qui ont été publiés à titre posthume : *les femmes et la «sociogenia»* (1893) et *Questions et problèmes* (1913). En prenant en compte les études réalisées par le Dr Tito Lívio, nous cherchons à analyser, dans cet article, ses écrits, en montrant que bien qu'il soit darwinien et epigone de Sylvio Romero, il cherche, dans ses études sur la psychologie des femmes, à dévoiler sa psyché, apportant une interprétation novatrice à leur sujet, puisque le jeune médecin n'a pas choisi d'étudier leur utérus et leur système reproducteur, comme il était d'usage à l'époque, mais le cerveau, sur lequel il souligne la possibilité d'une évolution féminine, si elle est correctement stimulée par l'éducation. Il a également contré les stéréotypes qui les positionnaient comme des personnes qui se laissent conduire, surtout, par l'émotion. Pour le développement de cet article, nous nous basons sur des divers documents sur la trajectoire de vie de Tito Lívio et, comme nous l'avons déjà mentionné, sur sa production intellectuelle. Nous cherchons donc à faire de la lumière sur des sujets sociaux, en particulier de Tito Lívio, qui ont vécu dans le contexte des dernières années du siècle XIX, en soulignant son rôle dans la société où dominaient le racisme scientifique et une vision extrêmement négative de la population noire.

Mots-clés: darwinisme; l'éducation des femmes; evolution sociogenia.

DOCTOR TITO LIVIO DE CASTRO: NUEVAS LUCES EN LA TRAYECTORIA DE SU VIDA COMO UN INESPERADO MÉDICO NEGRO EN LA CAPITAL DE BRASIL DEL SIGLO XIX



Resumen: Tito Livio de Castro (1864-1890) fue un médico negro darwinista que vivió en Rio de Janeiro en la década de los 80 del S. XIX y que vio su vida sesgada por la tuberculosis cuando tenía apenas 26 años de edad. Su contacto con las primeras letras ocurrió en casa, alfabetizado por su padrino, un portugués llamado Manoel Paes, que le crió después de recibirlo en su puerta con poca edad. Su enseñanza formal, por su parte, tuvo inicio en el Liceu Comercial y, posteriormente, en el entonces reconocido Colegio Pedro II, en el cual se graduó en Letras (1883). En 1884 ingresó en el curso superior en la Facultad de Medicina del Rio de Janeiro, licenciándose como médico y doctorándose en diciembre de 1889. Su tesis doctoral, *Das alucinações e ilusões*, desarrollada junto a la cátedra de Psiquiatría, fue muy bien acogida y elogiada, abriéndole camino para puestos de renombre. Entre su producción intelectual constan dos libros más que fueron publicados póstumamente: *La mujer y la sociogenia* (1893) y *Cuestiones y problemas* (1913). Considerando estos trabajos producidos por el Doctor Tito Lívio, en este artículo queremos analizar sus escritos, mostrando que, aunque fuera darwinista y un epígono de Sylvio Romero, se dedicó a estudiar la psicología femenina, intentando esclarecer su psique, y trayendo una innovadora interpretación acerca de las mujeres, pues el joven médico no escogió para sus estudios el vientre femenino y su aparato reproductor, como era costumbre en aquella época, sino el cerebro de esta, y señala hacia la posibilidad de la evolución femenina, en el caso de que las mujeres sean debidamente estimuladas a través de la Educación. Así, se contraponen también a los estereotipos que las veían como personas movidas sobre todo por la emoción. Para el desarrollo de este artículo, nos hemos basado en diversos documentos acerca de la trayectoria de la vida de Tito Lívio y, como ya se ha dicho, de su producción intelectual. Procuramos así lanzar algunas luces sobre sujetos sociales, en particular de Tito Livio, que vivieron en el contexto de los últimos años del siglo XIX, explicando su protagonismo en una sociedad en la que predominaban el racismo científico y una visión extremadamente negativa de la población negra.

Palabras clave: darwinismo; educación de las mujeres; evolución; sociogenia.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

No dia 15 de maio de 1890 deu-se o falecimento, abatido que foi pela tuberculose, com apenas 26 anos de idade, de Tito Livio² de Castro, o qual, poucos meses antes, em dezembro de 1889, havia se formado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

A notícia do falecimento do “querido extinto” foi amplamente divulgada pela imprensa da época “Todos os jornaes noticiaram a morte do infeliz Tito Livio de Castro, e cobriram o seu tumulo de muitas flores³”. A edição de 19 de maio do jornal *O Estado de São Paulo* circulou com “o retrato do falecido Dr. Tito Livio de Castro, dedicando a sua

² Usamos a acentuação do nome original.

³ Gazeta de notícias 25 de maio de 1890. Disponível em

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pesq=tito%20livio%20de%20castro>. Acesso em: 23 de dez.2017.

primeira pagina à memoria do ilustre morto⁴”. O texto intitulado *A memoria de Tito Livio de Castro* foi escrito pelo poeta Raymundo Correa (1859 - 1911), um ex-colega do jovem médico dos tempos em que ambos estudaram no Colégio Pedro II. O artigo foi reproduzido na íntegra na edição de 16 de julho de 1890 no jornal *O Paiz*. O texto extremamente elogioso cita a cor do homenageado, o qual foi apresentado como “um mulato o moço illustre que o Brazil perdeu” e seu enfeitamento na residência do Sr. Manoel Paes onde talvez “uma deshonrada lhe enjeira à porta”, no mês de janeiro, uma criança com aproximadamente 15 dias de idade.

Sua tese doutoral, *Das allucinações e illusões*, desenvolvida junto à área de psiquiatria, apresentada em setembro de 1889 e orientada pelo Dr. João Carlos Teixeira Brandão (1854-1921), foi muito bem acolhida e elogiada, tendo sido citada no obituário do jovem esculápio⁵: “foi brilhante seu tirocinio que terminou por uma excellente these sobre allucinações. As aptidões reveladas, por ocasião da defesa, em assumptos de psychiatria, garantiram-lhe um dos melhores logares no corpo medico do Hospicio Nacional de Alienados”. A confirmação desta afirmativa pode ser comprovada com a assinatura da portaria de nomeação de Tito Livio, para o cargo em 28 de fevereiro de 1890⁶. O doutoramento também abriu caminho para que o jovem facultativo iniciasse sua breve carreira docente junto à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma vez que foi “nomeado como adjunto interino da cadeira de Clinica Psychiatrica”⁷ em janeiro de 1890. Foi também designado como médico externo⁸ da Assistencia Medico-Legal da Clínica dos Alienados, porém o avanço da tísica e o seu consequente enfraquecimento orgânico o impediram de assumir o cargo sendo nomeado para seu lugar Domingos Jacy Monteiro Junior (1831-1896) (*Brazil Medico*, 1890, p. 148). Exemplares da tese podiam

⁴ Gazeta de notícias 20 de junho de 1890 disponível em < http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pesq=tito%20livio%20de%20castro >. Acesso em: 23 de dez.2017.

⁵ *Brasil Medico*, edição 20/23, p 164, 1890. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/cache/4447704153506/I0001596-7Alt=003052Lar=002056LargOri=004112AltOri=006103.JPG>>. Acesso em: 23 de dez.2017.

⁶ *Gazeta de Notícias*. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/cache/5565407011167/I0000275-7Alt=003806Lar=002630LargOri=005260AltOri=007611.JPG> >. Acesso em: 123 de dez.2017.7 dez. 2017.

⁷ *Brazil médico* 01 de janeiro de 1890, p. 294. Disponível em <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=081272&pesq=tito+livio>>. Acesso em: 3 de dez.2017.

⁸ Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=45992&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>>. Acesso em: 24 nov. 2017.



ser comprados, por um valor de 5\$000, na Livraria do Povo,⁹ conforme anúncio em destaque publicado na Gazeta de Notícias de 7 de abril de 1890. Esta comercialização pode estar relacionada ao fato de que todos os custos de produção deste trabalho acadêmicos deviam ser por conta do discente (Engel, 2004).

A escolha desta área de conhecimento, por Tito Livio, longe de ser uma surpresa, nos sugere que seu autor se mostrava alinhado com a produção acadêmica da instituição na qual estudou. Isso pode ser sugerido a partir de Gondra (2004), o qual listou 489 teses sendo 32 ligadas à área de Psiquiatria e que foram defendidas entre 1837 e 1898, sendo que 12 destas vieram a público durante o período em que o jovem acadêmico realizava seu curso superior. O intelectual sergipano Sylvio Romero, autor do prefácio do livro *A mulher e a sociogenia*, obra de autoria de Tito Livio e publicada postumamente em 1893, chama a atenção para a qualidade da biblioteca do jovem esculápio, pois tudo “que de mais selecto havia em psychologia, economia, psychiatria, filosofia, poesia, literatura estava ali e era lido e commentado” (ROMERO, 1893, p. xiv).

TITO LIVIO DE CASTRO: DO ENJEITAMENTO À FORMATURA NO COLÉGIO PEDRO II

O futuro autor do livro *A mulher e a sociogenia* iniciou sua vida como uma criança que foi exposta à porta do comerciante português Manoel Paes, o qual custeou uma criadeira uma “distinta senhora de sua amizade” de sobrenome Castro, cognome dado ao recém-nascido como um “reconhecimento à digna Senhora que o criava” (Romero, 1893). Em 1869, a criança já com 4 anos de idade, ficou aos cuidados do seu benfeitor, o próprio Sr. Paes, que a ela propiciou o ensino das primeiras letras (Romero, 1893). Para a época, a alfabetização já conferia um importante diferencial, uma vez que o Império convivia com níveis astronômicos de pessoas não letradas. O censo de 1872 revelou que 82,3% da população com 5 anos ou mais não sabia ler nem escrever cifras que praticamente não se modificaram até 1890 (82,6%), já nos primeiros meses da ordem e progresso (Schwarcz, 2017). Assim, saber ler já representava “razão de grande

⁹ Gazeta de Notícias de 7 de abril de 1890. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pesq=tito%20livio%20de%20castro>. Acesso em: 24 nov 2017.



orgulho. Significava a forma certa de galgar a hierarquia social; fundamental para integração nesse novo projeto nacional” (Schwarcz, 2017, p. 25).

O ato de Paes de iniciar Tito Livio no mundo das letras foi realizado anteriormente. A título de exemplo, podemos citar o nome de Antonio Pereira Rebouças (1798-1880) que alfabetizou André Rebouças e seus irmãos, por volta de 1847/48 (Schueler, 2016).

A instrução formal de Tito Livio teve início, em 1872, no *Lyceu Commercial*, mesmo ano do natalício do afro-brasileiro Juliano Moreira (1873-1932), o futuro fundador da psiquiatria científica no Brasil. Nesta instituição educacional, permaneceu até 1876. Em 1877, foi matriculado, inicialmente, no internato como aluno gratuito (Almeida, 2008) do já prestigiado Colégio Pedro II, onde o Sr. Paes “ia vel-otres vezes por semana”¹⁰. Foi transferido para o externato em meados de 1881 devido à “perseguição do vice-reitor d’então” (Romero, 1893, p. xij). De sua passagem pelo internato, o futuro facultativo nos deixou uma memória muito negativa a respeito das instalações daquele que era um colégio modelo. Estas se mostram situadas “em um local pessimo. Escolhido “a dedo” um terreno improprio para moradia não se encontraria outro como aquelle” (Castro, 1893, p. 207).

Esta instituição de ensino recebia, de acordo com suas normas, “até 20 internos dos quais 12 deviam ser órfãos e reconhecidamente pobres” (Almeida, 2008, p. 36). Obter uma destas vagas deve ter exigido do velho Sr. Paes o pertencimento a algum tipo de rede de sociabilidade, algo bem típico para a época e também observado na formação das carreiras de outras pessoas; dentre elas, podemos citar João Henriques de Lima Barreto (1853 - 1922), o pai do escritor Lima Barreto.

O número de formandos da turma de 1883, do Colégio Pedro II, foi extremamente reduzido, uma vez que colaram grau apenas 4 estudantes: dois do internato¹¹ e mais dois do externato¹². Nesta segunda modalidade, 7 anos antes, matriculou-se um total de 236 discentes, o que nos permite ter ideia do nível de

¹⁰Gazeta de Notícias, 25 de maio de 1890. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pesq=tito%20livio%20de%20castro>. Acesso em: 04 de jan.2018

¹¹ Formaram-se Arthur de Campos Avelino e Francisco da Cunha Lima.

¹² Colaram grau Livio de Castro e Ricardo Ventura Boscoli (Doria, 1997).



exigência¹³ a que os alunos estavam submetidos (Doria, 1997). Isso também nos atesta o nível de preparo de Tito Livio de Castro, que se bacharelou em Letras. Os/as egressos/as do laureado Colégio Pedro II estavam dispensados/as de “realizar os exames preparatórios que eram exigidos para ingressarem nas Academias do Império” (Ferronato, 2014, p. 152). Assim, esta passagem de Tito Livio por esta instituição educacional garantiu a sua entrada, no ano de 1864, na prestigiosa Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo se formado em dezembro de 1889.

A MEDICINA OITOCENTISTA E O CONTROLE DO CORPO DA MULHER

O século XIX marcou um período de tempo no qual vieram a público as mais diferentes teorias. Nos anos de 1838 e 1839, foram publicados, de forma independente, os trabalhos do botânico Matthias Jakob Schleiden (1804-1881) e do zoólogo Theodor Schwann (1810-1882), os quais propunham que todos os seres vivos eram formados por estruturas microscópicas: as células. O neurônio, célula formadora do sistema nervoso e também presente no cérebro, foi descrito entre 1836 e 1838. Em 1858, Rudolf Virchow (1821-1902), em seu livro *Patologia Celular*, tendo por base esta teoria, propôs a célula como a sede das doenças, rompendo, assim, com as antigas e seculares teorias: humoral proposta por Hipócrates, e a da geração espontânea. No Brasil, esta nova perspectiva foi repercutida, em 1869, por exemplo, na *Gazeta Medica da Bahia*¹⁴, a qual divulgou que o “microscopio veio mostrar que a cellula era o elemento de partida na formação de todos os tecidos normaes e anormais, em todos os organismos. Os tecidos anormais, que se formam em um organismo, seguem o typo de desenvolvimento dos tecidos normaes”. Em relação à composição celular da espécie humana, Tito Livio mostra-se conectado com a presença destas microentidades e da importância das mesmas para a formação de um novo ser vivo: “para a fusão das células epitheliaes que constituem a genese, um dos sexos emprega uma cellula e o outro, o masculino emprega milhões células” (Castro, 1983, p. 339), demonstrando assim ter conhecimento da presença e função do óvulo e

¹³ A partir de 1882, os alunos passaram a estudar Estenografia, Agricultura, Economia Política, Sociologia e Direito Constitucional em noções elementares, a estenografia em exercício, 4 anos de Alemão, Inglês e Francês 3 anos para cada um dos idiomas, e 2 anos de Italiano (Doria, 1997).

¹⁴ *Gazeta Medica da Bahia*, 1868. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=165646&pesq=cellula>>. Acesso em: 02 de jan.2018.



dos espermatozoides que sãs as células reprodutivas femininas e masculinas, respectivamente.

Foi também neste século que veio a público a Teoria da Evolução de Charles Darwin (1809-1882). Seu livro, *A origem das espécies*, foi publicado em 1859 causando uma grande polêmica na comunidade científica da época, pois propunha que as diferentes espécies, dentre elas a humana, não eram imutáveis e que evoluíam de forma a se adaptarem a um determinado meio ambiente. No Brasil oitocentista eram reconhecidamente darwinistas os médicos Tobias Barreto (1839-1889), Luís Pereira Barreto (1840-1923), Domingos Guedes Cabral (1852-1883) e Sylvio Romero (1851-1914), advogado, jornalista e ensaísta, que também fazia parte deste grupo (Sheppard, 2001). Nosso protagonista, Tito Livio de Castro, por meio de sua obra *A mulher e a sociogenia*, também pode ser incluído dentre os nomes acima citados. Dentre os mencionados, Guedes Cabral, que foi acadêmico da Faculdade de Medicina na Bahia, teve sua tese doutoral “*Funções do cérebro*” recusada, fato até então inédito nesta instituição de ensino por defender posições claramente materialistas e evolucionistas (Waizbort; Carvalho, 2014). Tal episódio demonstra a grande dificuldade da aceitação da teoria de Darwin em determinados setores da sociedade, um risco que Tito Livio assumiu ao escrever uma obra tão fortemente influenciada pelo pensador inglês, pois para a época o “chamado “Darwinismo”, como todas as doutrinas que trazem consigo conclusões contrárias às prevenções e mythos tradicionais, encontra ainda hoje forte oposição ¹⁵”.

Até o século XIX, persistiu um debate entre o pensamento poligenista cujos seguidores defendiam que a humanidade teria surgido de vários centros de criação e separava os povos atribuindo a cada um uma procedência distinta, não possuindo assim uma ligação entre si, o que contribuiria para as diferenças anatômicas e culturais. Em contraposição a esta linha teórica, estavam os monogenistas para quem “as desigualdades não traduziam diferenças biológicas, mas estágios mais ou menos avançados de progresso evolutivo, passagens obrigatórias que a humanidade teria que enfrentar para atingir uma etapa civilizatória complexa” (Lobo, 2008, p, 194). Com a crescente aceitação da teoria da evolução de Darwin, a corrente poligenista passou a

¹⁵ Gazeta Medica da Bahia, 1867. Disponível em <
<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=165646&pesq=darwin>>. Acesso em: 02 de jan.2018



considerar que “as raças, apesar da origem única, separaram-se em épocas remotas e, por seleção natural das contingências do meio, umas evoluíram e outras não” (LOBO, 2008, p, 194), e esta ausência de evolução geraria raças superiores e inferiores. Mesmo trabalhando com base na teoria proposta por Darwin, temos a impressão de que Tito Livio acreditava na origem poligênica da espécie humana, uma vez que se referia a espécies, no plural, de seres humanos:

quando este povo conhecer pela zoologia que as especies do genero humano têm mais parentesco uma com as outras que com qualquer especie fora do genero, para não mais declarar-se “protector dos animaes”, sem ter protegido todos os homens” (Castro, 1913, p. 136).

Para os/as cientistas deste período, influenciados/as pelo pensamento clássico bem como pela falta de conhecimento aprofundado da proposta darwiniana, “concebiam o tempo como princípio de desenvolvimento para os seres vivos na sua organização interna; só é percebido a título de revolução possível no espaço exterior onde vivem” (Foucault, 2007, p. 208), pois acreditavam que haveria um “progresso contínuo e mais ou menos lento de todas as espécies em direção a uma perfeição superior” (Foucault, 2007, p. 208). Nesta perspectiva, Castro (1893, p. 312) propunha que não haveria “objecção científica contra a educabilidade da mulher, ela é um organismo como os outros e sob a acção dos motivos que influenciaram os outros reagirá do mesmo modo que elles: o motivo é a educação, a reacção é a evolução mental”.

Ao longo do século XIX, observaram-se ainda a disseminação de práticas médicas hoje corriqueiras em nossos dias bem como o início da generalização do uso dos estetoscópios (1823), da medição da temperatura corporal (1820), da pressão arterial (1860) e do uso de anestésicos (1848). Foram os avanços obtidos ao longo dos oitocentos que levaram, nos primeiros anos dos novecentos, à descrição, por Fritz Richard Schaudinn (1871-1906), da bactéria causadora da sífilis em 1905. Alguns anos depois, em 1909, Carlos Chagas (1878-1934) descreve o protozoário responsável pela doença de Chagas. Já em 1910, a medicina ocidental descreve, “pela primeira vez”, por meio do trabalho de James B. Herrick (1861-1954), a anemia falciforme. Foram descobertas importantes e em um período no qual havia uma grande preocupação com o tema da degeneração da espécie humana. Estes avanços posicionavam a classe médica



“perante a sociedade como detentores de um saber capaz de contribuir diretamente para a formulação de um projeto de construção da nação” (Kropf, 2013, p. 270).

Além destes aspectos, nos anos oitocentos também se inauguraram modificações voltadas para os cuidados com o corpo da mulher aprimorando-se os conhecimentos em relação à reprodução feminina, observando-se o surgimento da ginecologia e da obstetrícia como áreas tanto de pesquisa quanto de intervenção. Estes avanços conviviam com uma mentalidade reinante que via a mulher como um ser frágil e com menos possibilidades que o homem. Muito embora seu corpo tenha sido apropriado pelo saber médico, aspectos de sua fisiologia, como a menstruação, por exemplo, eram tidos como uma perturbação do sistema nervoso, e seu esqueleto somente foi apresentado em detalhe em 1759 (Colling, 2011).

A descoberta dos microrganismos patogênicos e a pesquisa de estratégias para combatê-los, por meio da assepsia, foram um grande avanço para a medicina oitocentista, abrindo caminho para, por exemplo, a realização de cirurgias abdominais, que nas mulheres resultaram no acesso aos ovários e ao útero e a consequente realização de intervenções de esterilização. Rohden (2001, p. 49) nos informa que foi ao longo do “século XIX que a medicina passa a se preocupar de maneira mais intensa com o campo da sexualidade e da reprodução, o que se traduz no desenvolvimento de especialidades como a obstetrícia e no surgimento da ginecologia”. Estas cirurgias permitiram, por exemplo, as primeiras comparações entre morbidades que acometiam mulheres europeias e brasileiras. Isso pode ser lido no trabalho publicado por um médico em 1878, conforme atesta citação abaixo:

neste paiz, ou, pelo menos, n’esta cidade são freqüentísimos os fobroides do útero em forma de polypo, de tumores pendentes de sua superficie externa, ou entranhados em sua substancia, ao passo que os kystos do ovario, tão freqüentes em alguns paizes europeus, que constituem uma especialidade *per se*, muito pouca vezes se encontra aqui (Paterson, apud Barreto, 2001, p. 31).

No Brasil oitocentista, as matrículas de mulheres nas duas faculdades de medicina, a da Bahia e a do Rio de Janeiro, bem como a criação dos cursos de obstetrícia e ginecologia foram regulamentadas pelo Decreto imperial nº 7247 de 19 de abril de 1879. As três primeiras médicas aqui formadas foram gaúchas e conquistaram seus títulos de doutoras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A primeira a defender sua tese foi Rita Lobato Velho Lopes (1866-1954) que teve como tema os

Paralelos entre os métodos preconizados na operação cesariana (Meirelles, 2004). Doutora Rita graduou-se em 1887, tendo requerido sua matrícula nesta instituição de ensino superior em 1884. No ano de 1888, doutorou-se Ermelinda Lopes de Vasconcelos e um ano após esta, na turma de Tito Livio de Castro, temos a notícia da terceira mulher também graduada e doutorada em medicina. Trata-se de Antonieta Cesar Dias, natural de Pelotas (Brazil Médico, 1890, p. 384). Tendo-se em vista que o autor de *Mulher e a sociogenia* iniciou seu curso em 1884, é fato que o mesmo tenha convivido com as três doutoras. É, pois, muito provável que estas tenham influenciado Tito Livio de Castro no sentido de perceber a importância da educação e de como esta poderia ser o diferencial para a evolução da mulher em nossa sociedade.

Foi ao longo de período de avanços tecnológicos e extremamente conturbado no plano das mentalidades em que certezas seculares, algumas delas dentro da própria medicina, foram desconstruídas, que viveu e escreveu o jovem iátrico negro carioca Tito Livio de Castro.

A MULHER E A SOCIOGENIA: UMA OBRA SINGULAR

Neste cosmos dominado por homens educados dentro uma visão de mundo machista, racista, preconceituosa, discriminatória, em sua grande maioria brancos e com uma prática de intervenção naturalista sobre os órgãos reprodutivos femininos é que Livio de Castro busca uma nova perspectiva ao direcionar seus estudos não para o ventre feminino, mas para o seu cérebro, pois, para ele, “antes de qualquer observação psychica, antes da classificação dos factos normaes ou anormaes da mentalidade feminina, deve ser feita a descrição do craneo e do cerebro feminino.” (Castro, 1893, p. 3).

A opção de Castro mostrou-se praticamente única e de vanguarda e contrasta fortemente com a adotada pelo também médico Fernando Magalhães (1878 - 1944), o qual se decidiu pela obstetrícia. Muitos facultativos do século XIX elaboravam uma visão do corpo feminino no qual os ovários e o útero ligavam-se através de gânglios e nervos ao eixo cérebro-espinha e, segundo estes iátricos, na mulher, o sistema seria instável e tendo como marca o



desequilíbrio e que, portanto, qualquer excitação periférica – sempre de origem sexual – poderia perturbar o frágil equilíbrio do sistema e causar problemas psíquicos que variavam de uma simples dor de cabeça chegando a estados melancólicos, manifestações histéricas e delírios que podiam levar as mulheres a cometerem atos contrários à sua vontade, como o infanticídio e o suicídio. (Martins, 2004, p. 111)

Foi contra este sistema mecanicista que Tito Livio se insurgiu ao colocar o cérebro feminino, justamente o controlador da rede, no centro de sua proposta para a evolução da mulher. Uma ideia inovadora que pode ter sido criada com base nas grandes modificações na forma de pensar que surgiram ao longo dos anos oitocentos.

O livro de Livio de Castro, *A mulher e a sociogenia*, foi concluído em 1887, ou seja, a obra foi toda escrita nos anos finais do segundo reinado, regime ao qual no capítulo seis deste livro, o autor tece as mais variadas críticas, pois “o governo é quem menos sabe, quem menos procura saber, quem menos se interessa por aquilo que lhe diz respeito (Castro, 1893, p. 190). Mais adiante o jovem intelectual faz uma fala positiva em relação ao povo brasileiro colocando-o no mesmo nível dos integrantes da elite governamental. Assim, de acordo com o autor: o “governo, qualquer que elle seja, é tão bom como o povo governado, é desse povo que elle sae, é a essa raça que elle pertence” (Castro, 1893, p. 191). Este posicionamento do autor torna-se importante, pois à época grande parte da população brasileira, de acordo com alguns intelectuais e políticos, era formada por indivíduos inferiores e apresentava-se como um entrave para o progresso. Destarte, este grande número de pessoas ficava à disposição para as experiências eugênicas no sentido da criação de uma raça superior capaz de construir um futuro promissor.

Sendo o autor uma pessoa habituada com dados estatísticos, os quais poderiam contribuir para balizar a tomada de decisões, ele critica a ausência destes em assuntos, tais como: doenças mais letais, número de nascidos nos casamentos com dados craniométricos de diferentes regiões do território brasileiro, concluindo que no “Brazil não há demographia: no Brazil não ha quem cuide do interesse público (Castro, 1893, p. 193). Em relação às taxas de mortalidade, o autor afirma que “Até hoje não ha uma estatistica, e não números, da mortalidade no Brazil” (Castro, 1893, p. 194). Com base nesta ausência de dados e informações, ele cita que o “estudo da educação feminina e só no que essa educação tem de geral foi-nos quasi impossivel como tudo quanto de positivo se queira fazer no Brazil. Encontramos um ou outro documento incompleto; eis



tudo” (Castro, 1893, p. 193-194). Dados e informações oficiais, quando encontrados, são colocados a crédito de um seletto grupo de funcionários públicos. Assim, de acordo com o nosso protagonista, os registros “officiaes, imperfeitos sem duvida mas dignos de louvor porque representam a bôa vontade excepcional de alguns empregados publicos” (Castro, 1893, p. 209).

O livro *A mulher e a sociogenia* mostra-se embasado na craniologia de Paul Broca (1824-1880), assim como em dados de natureza quantitativa. O *darwinismo* social é apresentado de forma articulada à evolução, um processo biológico lento da ordem de milhões de anos, com a educação sendo considerada o “melhor exemplar do conhecimento científico sobre gênero produzido no Brasil no século XIX.” (Martins, 2004, p. 19). A escrita da obra, eivada de termos oriundos de diferentes campos das ciências naturais, com constantes citações diretamente do francês, apresenta-se como uma leitura complexa. Traçados (gráficos) e quadros são encontrados comumente, sendo possível encontrar, com relativa frequência, a desagregação dos dados de acordo com o sexo das pessoas. A preocupação com as condições a que estavam submetidas as mulheres também é uma constante. Um exemplo pode ser encontrado quando o mesmo observa a mortalidade de filhos/as ilegítimos/as: “Nos filhos ilegítimos a mortalidade é maior pra o sexo feminino do que para o masculino, o que se explica pelas condições sociaes. Donde vem essa inversão na população ingenua? Será um efeito ethnico?” (Castro, 1893, p. 201).

Uma menção a esta obra é encontra no periódico carioca, *Brazil Medico* (1890, p. 164), no necrológio escrito para o nosso jovem facultativo: “esteve em nossas mãos para ser publicado no *Brazil Medico*, e deixou de ser por tratar-se de um trabalho muito longo. É um estudo sobre a mulher”. De fato, trata-se de um trabalho com 407 páginas e dividido em 10 capítulos. É uma obra realmente muito extensa para ser divulgada por meio daquele veículo de comunicação. O texto produzido por Tito Livio somente veio a público em 1893, após árduas peregrinações e longas esperas a que foi submetido o Sr. Paes.

No texto, a articulação entre a educação, a evolução e a hereditariedade é tão profunda que o autor propõe, ao longo do tempo, que a primeira irá se converter na terceira, sendo aquela o fio condutor do processo evolutivo da espécie humana.



O que é educação será hereditariedade no futuro, como a hereditariedade de hoje foi algum dia educação. Seria, portanto, de grande interesse para nosso objetivo reproduzir a traços largos os sistemas de educação que vigoram hoje para o sexo feminino nas sociedades mais civilizadas. (Castro, 1893, p. 189-190)

Livio de Castro afirma que a inferioridade feminina é de ordem física e que teria se estabelecido durante o processo evolutivo de nossa espécie e que poderá ser superada por meio da educação. A genialidade do pensamento de Castro vem da reinterpretação de dados craniométricos, os quais mostram o cérebro da mulher “demonstrado pelo método desapassionado das cifras é inegável, tem a generalização e a amplitude de uma lei: a mulher tem menos cérebro do que o homem” (Castro, 1893, p. 10). Menor e, portanto, inferior entre os mais diferentes povos e momentos da humanidade e, ele ao invés de se deixar levar pelos números e pelas estatísticas, propõe que o cérebro feminino poderia evoluir tendo por base a educação. É, pois, uma proposta ousada para a época que contradizia importantes cientistas, tais como: Brocca e Alfred Binet (1857 - 1911), sendo que a propositura do estudo deste importante órgão alinha o pensamento deste intelectual negro à nova ciência da neurologia, a qual dava seus passos iniciais.

Os números exibidos pela craniometria poderiam ser alterados no futuro, pois "Educar a mulher é intervir na selecção humana, é dirigil-a no sentido da evolução mental" (Castro, 1893, p. 359). De acordo com o jovem intelectual, o cérebro feminino

só espera o fermento da educação para evoluir. Educada a mulher, organizada a selecção intellectual, a unica rigorosamente compatível com a vida de uma especie que existe pela intelligencia, estarão para sempre rotas as cadêas que prendem a especie e a sociedade ao passado remoto, serão economizadas as energias despendidas hoje contra o passado redivivo nos preconceitos, nas mythologia e na ignorância. (Castro, 1893, p. 405-406)

Tito Livio opinou contra a visão caricatural e preconceituosa da sociedade que via a mulher como sendo mais sensível e com um coração mais terno. Para o autor, é evidente que esta preleção não “foi feita para um auditório de fisiologistas. Essas concessões à litteratura, arrancadas ao espírito pela influencia do meio, seriam nocivas por isso mesmo que são concessões, tornam-se porém muitíssimo prejudiciaes, porque fortificam um preconceito” (Castro, 1893, p. 20). Dando prosseguimento ao pensamento do autor, “A afirmação de que a mulher é mais sentimento e o homem mais pensamento, este mais cérebro, aquella mais coração é inexacta (Castro, 1893, p. 22),



sendo que não “ha um sexo cérebro e outro coração. Não ha uma fôrma anatomica ideia e outra sentimento. Só se chega ao coração pelo cérebro” (Castro, 1893, p. 23).

Tendo o facultativo carioca uma forte formação evolucionista, entende, a partir desta, de maneira fortemente materialista, que os seres humanos advogam, como mais uma das espécies presentes em nosso planeta, de acordo com este prisma, ainda a igualdade e educação para as mulheres: “A espécie humana sahiu dos mais humildes organismos vivos, mas não é inferior a espécie alguma, não é igual a especie alguma. O papel da mulher na espécie não póde ser inferior, nem mesmo igual ao do sexo feminino nas especies inferiores. A civilização exige a sua educação e o seu preparo” (Castro, 1893, p. 339).

Para a época, era frequente a crença de que a educação da mulher levaria à dissolução da família, algo que colocaria em risco a própria sociedade. Castro (1893, p. 337-338) contrapõe-se a esta visão afirmando que tanto a família quanto a sociedade

coexistem no tempo e no espaço. Não é possível existir cada uma dessas organizações sustentada por um sexo porque esses proprios sexos só podem viver, só podem existir associados, só podem coexistir. A sociedade não é lugar só do homem, a família não é lugar só da mulher. A sociedade é uma determinação da evolução mental e não da evolução testicular; a família é uma determinação da evolução mental e não da evolução ovarica.

Sua preocupação com o tema da evolução da mulher avança para um verdadeiro dilema, pois, para ele, “ou a mulher há de evoluir, ou a especie humana há de parar em sua evolução” (Castro, 1893, p. 405). Para o autor, a mulher “é um elemento conservador, coercitivo, uma força estatica que póde e deve ser transformada na dinamica de interesse geral, na evolução” (Castro, 1893, p.354).

A preocupação de Tito Livio ia além da inserção dos mestiços e mulheres, pois ele também voltou a sua atenção, de forma crítica, para os conteúdos que eram ministrados no ensino secundário¹⁶. Após uma detalhada exposição a respeito das cadeiras ofertadas em 15 províncias, as quais “são mais que suficientes para a media geral” (Castro, 1983, p. 228), nosso autor posiciona-se, de forma extremamente enfática, contra a presença do latim e critica a ausência de biologia e química. Seu levantamento

¹⁶ Durante sua passagem pelo Colégio Pedro II, a partir de 1882, os alunos passaram a estudar Estenografia, Agricultura, Economia Política, Sociologia e Direito Constitucional em noções elementares. A estenografia em exercício, 4 anos de Alemão, Inglês e Francês 3 anos para cada um dos idiomas e 2 anos de Italiano (DORIA, 1997). Tinham ainda aulas de latim, italiano, e grego.



revela que o ensino tem tão poucas dimensões e alcances que o mesmo foi denominado de microscópico. De acordo com as suas palavras, caso fosse realizada

a analyse desse ensino microscópico encontramos a inutilidade dominando tudo. É vasto o ensino de linguas do que o de sciencias. Dentre as linguas a mais cultivada “é uma lingua morta”! Dentre as poucas sciencias as mais cultivadas são as mnemonicas. O que significa neste paiz onde não se aprende nem uma das numerosas sciencias indispensáveis á vida contemporanea, o que quer dizer esse latim absurdo; esse latim que nada faz, esse latim que não tem aplicação? Não ha biologia, não ha physica nem chimica, não ha economia politica, não há historia de religiões, mas há latim. (Castro, 1983, p. 240-241)

Nos anos oitocentos não havia conhecimento a respeito da complexidade funcional do cérebro, e o neurônio, uma célula típica do sistema nervoso, havia sido descrito no período compreendido entre 1836 e 1838, sem, no entanto, haver ainda um discernimento a respeito da ação como estes formadores do sistema nervoso funcionavam. Para os cientistas, um cérebro aumentaria de volume assim como um músculo estimulado pelo exercício físico. Outro ponto significativo é a forma como Livio de Castro e outras pessoas da época entendiam a evolução. Para o período, uma modificação ocorrida em uma geração permaneceria na próxima, como se fosse um caractere adquirido. Estas são duas questões que não são discutidas em trabalhos que discorreram sobre o livro *A mulher e a sociogenia* e que consideramos importantes no sentido de redimensionarmos as proposições do autor. Os óbices aqui descritos em nada desmerecem a genialidade deste intelectual ao perceber a mulher como um ser humano passível, do que à época, entendiam como sendo evolução desde que fosse educada de forma adequada. Assim, de acordo com Rohden (2003, p. 194), que também se debruçou sobre a produção de Castro, “não estamos diante de um fenômeno inalterável. Se a causa do problema puder ser modificada, os efeitos serão suprimidos”. Com base em seus estudos, o médico oitocentista constata que a “craneologia faz ver que as diferenças craneanas, existentes entre os dous sexos, não foram sempre as mesmas, não tiveram a mesma intensidade” (Castro, 1893, p. 40).

UMA PROLONGADA, PORÉM ESTREITA NITIDEZ

Após a morte de Livio de Castro, sua memória, de forma esporádica, foi revisitada em diferentes períodos. Em setembro de 1898, o advogado negro Evaristo de



Moraes (1871-1939) assina um artigo na *Gazeta da Tarde*¹⁷, intitulado *A mulher e advocacia*, no qual cita Tito Livio e seu livro *A mulher e a sociogenia*. Para Moraes, “a leitura de toda a obra é altamente instrutiva e dá notícia de grande copia de conhecimento” e afirma ainda se “porventura, tivéssemos em vista remontar a essas questões primordiais com intenção firme de expô-las compridamente, teríamos legitimo orgulho apresentando, como obra cheia dos mais adiantados ensinamentos, a d’um illustre mestiço, o Dr Tito Livio de Castro”. Anos depois, o mesmo livro foi debatido em uma vespéral de arte organizada pelo Centro de Cultura Brasileira, ocorrida em 4 de agosto de 1927, ocasião na qual M. Paulo Filho tratou sobre¹⁸ “A educação da mulher na obra de sociológica de Tito Livio de Castro”. De acordo com o semanário *O Malho*, que realizou a cobertura o evento, “foi uma palestra cheia de encanto”¹⁹. Anos adiante, em fevereiro de 1948, o articulista Wilson Gosch, da *Gazeta de Notícias*, cita a obra do já falecido iátrico²⁰ e posiciona-se contra a conquista de direitos da mulher. *A mulher e a sociogenia* foi uma obra também discutida e analisada nos livros *Arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX* (2003) e *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* (2004) escritos, respectivamente, por Fabíola Rodhden e Ana Paula Vosne Martins bem como no artigo de Elomar Tambara (1997). Nosso protagonista foi ainda brevemente citado por Roque Spencer Maciel Barros (1986) bem como por Meloni (2012). Para além destes/as autores/as, podemos ainda citar a dissertação de Ana Maria Araújo de Almeida, em *História Social da Cultura: Um “mestiço irrecusável”: Tito Livio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX* (2008). No texto, a autora discorre sobre a vida e as obras de nosso protagonista, trazendo ainda uma série de outros/as autores/as que também se debruçaram sobre a obra do jovem médico negro oitocentista.

¹⁷Gazeta da Tarde, 9 de setembro de 1898. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=226688&pasta=ano%20188&pesq=tito%20livio%20de%20castro>>. Acesso em: 22 de jan. 2018.

¹⁸ O Paiz, 1 e 2 de agosto de 1927, p. 5. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/4529308687555/I0030607-7Alt=003589Lar=002482LargOri=004964AltOri=007178.JPG>>. Acesso em: 02 de jan.2018.

¹⁹ O malho 13 de agosto de 1927. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116300&pesq=tito%20livio%20de%20castro>>. Acesso em: 02 de jan.2018.

²⁰ Gazeta de Notícias 1/2/1948, p. 2. Disponível em

<<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/4597808158741/I0036609-7Alt=002916Lar=002097LargOri=004194AltOri=005832.JPG>>. Acesso em 04 de jan. 2018.



Um fato que nos chamou a atenção foi que exemplares de *A mulher e a sociogenia* estavam sendo vendidos, em novembro 1909, aproximadamente 19 anos após a morte do moço escritor, e 16 anos após o lançamento póstumo da obra pelo valor de 3\$000²¹ contos de réis na Livraria do Povo, localizada na então Capital da República.

A TRAJETÓRIA DE VIDA DE TITO LIVIO NO CONTEXTO DA LEI 10639/2003

Um importante instrumento para a (re)discussão das relações raciais no Brasil foi a promulgação da Lei 10639/2003, a qual passou a determinar que nos “estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”²². Esta norma legal foi um grande avanço, pois, anteriormente a ela, o tratamento do tema ficava a cargo das Constituições estaduais e das Leis Orgânicas, as quais, na grande maioria dos casos, não tinham alcance sobre os estabelecimentos particulares de ensino (Silva, 2017). Aqui entendemos a normatização legal a partir da visão de Thompson (1987, p. 350), quando este autor afirma que

a lei também pode ser vista como ideologia ou regras e sanções específicas que mantêm uma relação ativa e definida (muitas vezes um campo de conflitos) com as normas sociais; e, por fim, pode ser vista simplesmente em termos de sua lógica, regras e procedimentos próprios – isto é, simplesmente enquanto lei. E não é possível conceber nenhuma sociedade complexa sem lei.

A Lei 10639/2003, longe de ter sido uma benesse, apresenta-se como uma importante vitória política do Movimento Social Negro, que aliado a forças progressistas, levou à percepção de que os governos

não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém com uma “população” com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde incidência das doenças, forma de alimentação e de *habitat*. (Foucault, 1988, p. 28)

²¹ A Gazeta do Povo, 23 de novembro de 1909. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/5474909126428/I0021498-7Alt=004564Lar=003662LargOri=007325AltOri=009129.JPG>>. Acesso: em 04 de jan. 2018.

²² Lei nº 10.639/2003. Disponível em <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf>. Acesso: em 04 de jan. 2018.



O parágrafo primeiro desta lei assevera que:

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.²³

A curta trajetória de vida do Doutor Tito Livio de Castro atende ao parágrafo supracitado, uma vez que o mesmo, assim como outros/as negros/as cujos itinerários de vida ainda não foram contados, deixou sua contribuição por meio de suas publicações, muitas das quais continuam a ecoar, com maior ou menor intensidade, como poderá ser visto mais adiante, nos dias atuais. Além de sua tese e dos dois livros, o jovem esculápio publicou um total de 13 artigos, sendo 12 na *Província de São Paulo* e um no *Estado de São Paulo*, a nova denominação do periódico *Província* após a proclamação da república: *Nosso meio literário* (07, 10 e 11/04/1888); *O romance como psicologia: as origens* (25/05/1888); *O romance como psicologia: as escolas* (14/06/1888); *O romance como psicologia: o método* (20/06/1888); *A carne: de Júlio Ribeiro* (18/09/1888); *A instrução primária hoje* (17/10/1888); *La critique scientifique: Emilie Henequin* (07/02/1889); *Peccados Medeiros e Albuquerque I: o homem* (05 e 06/04/1889); *Peccados– Medeiros e Albuquerque II: a poesia e a prosa* (07/04/1889); *Peccados– Medeiros e Albuquerque III: a poesia e o poeta* (9 e 11/04/1889); *A segregação do liberto* (18 e 22/05/1889); *Tobias Barreto* (10/08/1889), e, um derradeiro, que foi a público após a sua morte no *Estado de São Paulo: Origens do Cristianismo – Renan* (19/06/1890) (Almeida, 2008, p. 148). Alguns dos textos, como se pode observar por meio das datas, eram mais longos e foram divididos e levados a público em dias diferentes.

A introdução da trajetória de vida de nosso protagonista também atende a um importante desdobramento da Lei 10639/2003, isto é, a Resolução 001/2004 do Conselho Nacional de Educação, a qual sugere a inserção de “personagens negros, assim como de outros grupos étnico-raciais, em cartazes e outras ilustrações sobre qualquer tema abordado na escola, a não ser quando tratar de manifestações culturais

²³Disponível em < http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_10639_09012003.pdf>. Acesso em 22 de jan 2018.



próprias, ainda que não exclusivas, de um determinado grupo étnico-racial”²⁴. Nosso jovem esculápio é um protagonista, diferentemente de seu colega de profissão, Juliano Moreira, ainda praticamente desconhecido e de pouca penetração em nossas academias e também entre os/as ativistas do Movimento Negro. Assim Livio de Castro corrobora a afirmação de que “Vale a pena realizar uma pesquisa para descobrir outros(as) personagens que não os costumeiramente lembrados/das no calendário escolar” (Brasil, 2006, p; 170), enriquecendo, assim, a inesperada presença negra nas mais diversas áreas do conhecimento e contribuindo para esvaziar a galeria dos/as desconhecidos/as apresentados/as a nós pelo *afroescritor* Lima Barreto em seu conto *Agaricusauditae*²⁵, no qual são citados, dentre outros nomes, os dos *afrofacultativos* oitocentistas os doutores Maurício Nunes Garcia(1808 - 1884) e Tito Livio de Castro.

Um fenômeno, além do entendimento dado por Foucault (1988, p. 28), pode ainda ser entendido como um “fato ou evento de interesse científico que pode ser descrito e explicado cientificamente” (Houaiss, 2001, p. 1327). Por conseguinte, conseguimos, por exemplo, pensar o racismo como um fenômeno que se encontra submetido à população negra. Aqui compreendemos o racismo como um instrumento da biopolítica que apresenta como função “fragmentar, fazer censuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder” (Foucault, 2010, p. 214). O fracionamento imposto à população busca impedir e cria barreiras e dificuldades para que um discurso contra-hegemônico prospere com relativa facilidade e produza ainda uma ampla sensação na população de que políticas públicas de reparação são desnecessárias, uma vez que emana da própria Constituição brasileira que “todos são iguais perante a lei”. Numa sociedade com este perfil, a fragmentação (re)elabora dificuldades para a conquista até mesmo de Direitos Humanos Fundamentais, tais como: saúde, educação e trabalho, acarretando ainda, dentre outras consequências, o genocídio dos/as integrantes do grupo populacional socialmente vulnerável, pois “racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para tirar a vida dos outros” (Foucault, 2010, p. 215) e “guardadas todas as proporções, até então, os regimes nunca tinham praticado tais holocaustos sobre sua própria população”

²⁴Lei nº 10.639/2003. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> >. Acesso em: 22 de jan 2018.

²⁵ Disponível em <<http://barretolima.blogspot.com.br/2009/02/agaricus-auditae.html>>. Acesso em: 22 de jan. 2018.



(Foucault, 1988, p. 128-129). Assim estamos de acordo com Foucault (1996, p. 217), uma vez que este propõe que vivemos “longe de um racismo como simples ou tradicional desprezo ou ódio entre raças”.

À luz da Lei 10639/2003, personagens, como Tito Livio de Castro, podem adentrar as salas de aula, por exemplo, dos cursos de medicina, na contextualização histórica da cadeira de Psiquiatria, e sua tese *Das alucinações e ilusões* poderia ser apresentada. Seu nome apareceria ao lado do *afrofacultativo* baiano Juliano Moreira, o qual foi um inovador psiquiatra brasileiro que alcançou fama internacional. Esta inserção se realizada em muito contribuiria para a desconstrução da visão naturalizante a respeito de uma população negra unicamente escravizada e voltada a trabalhos no eito com pouca ou nenhuma especialização ou preparo.

O nosso inesperado iátrico tem sido citado como um intelectual negro, por exemplo, na aula introdutória do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFPB e a totalidade dos/as discentes, mesmo transcorridos 15 anos da obrigatoriedade da discussão da presença negra, via Lei 10639/2003, ficam surpresos/as ao serem apresentados/as a um doutor negro do final do século XIX, admiração esta que evidencia muito bem o processo de naturalização da presença negra no território brasileiro.

O secular processo de escravização, no Brasil, que existiu aproximadamente a partir de 1550 a 1888, marcou profundamente a sociedade brasileira, fazendo com que a mesma elaborasse impressões, via de regra, negativas, em relação à população negra. Se fizermos os cálculos, teremos que o regime escravocrata durou, aproximadamente, 338 anos enquanto os tempos inaugurados pela Ordem e Progresso 130, ou seja, o tempo transcorrido pela Colônia e Império ocupou 79,4% de nossa história e deixou profundas impressões, em geral, negativas da população negra. Muitas dessas ainda observáveis em nosso presente, emitindo ecos e sombras em direção ao nosso futuro. Aqui entendemos a impressão como “representações de pessoas, ou seja, esquemas mentais que delineiam um conjunto organizado de categorias pelas quais se é julgado” (Dijk, p. 158).

Ao longo dos anos oitocentos, uma série de científicimos passou a circular tanto na sociedade europeia quanto na brasileira. Dessa forma, o evolucionismo, abolicionismo, positivismo, anarquismo, liberalismo, determinismo (geográfico),



republicanismo, naturalismo, degeracionismo francês, o darwinismo e a Escola Positiva de Direito Penal, cada uma à sua maneira, “disseminavam discursos e práticas que naturalizavam a desigualdade entre os homens, a despeito da igualdade jurídica sobre a qual se pretendeu, paradoxalmente, fundar o regime republicano (Bonfim, 2017, p. 37) e difundiam entre a população uma visão da superioridade de brancos/as em relação a negros/as e indígenas, criando “uma justificativa para a continuada desigualdade entre europeus e não europeus” (Guimarães, 2016, p. 51).

Neste período político, a literatura, fortemente influenciada pelas correntes de pensamentos aqui citadas, contribuiu grandemente para a divulgação dessas ideias e publicações, tais como: *O Mulato* (1881) e *O Cortiço* (1890), dois dos escritos de Aluísio de Azevedo (1857-1913), a obra *Canaã* (1902), de Graça Aranha (1868-1931), bem como o *Bom Crioulo* (1895), escrito por Adolfo Caminha (1867-1897), por exemplo, propagavam o cientificismo de uma superioridade branca e racista (TAMANO et al., 2011), uma vez que coadunavam com a ideia do “homem branco europeu como o produto mais avançado da evolução biológica e cultural” (Ferla, 2009, p. 35). Estas produções literárias, da Escola Naturalista, penetram “no indivíduo constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence” (Fanon, 2008, p.135), levando para o cotidiano social uma série de práticas racistas e excludentes. Um trecho do livro *O Cortiço* exemplifica bem a visão que se tinha a respeito de negro/as e brancos/as.

Ele [João Romão] propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (Azevedo, 2010, p. 3)

Em relação ao naturalismo, Tito Livio o reputa como “a mais genuína expressão da arte no século XIX” (Castro, 1913, p. 55) e considera Aluísio de Azevedo o “mais amestrado cinzelador de palavras” (Castro, 1913, p. 58) e no artigo *O homem por Aluizio de Azevedo*, publicado em seu livro *Questões e problemas* (1913), ao criticar a obra *O Cortiço*, em nenhum momento se contrapõe à forma como as pessoas negras são tratadas. O posicionamento do jovem escritor torna dúbia sua opinião em relação à população negra da época, pois, se por um lado, tece elogios à Escola Naturalista e a um de seus integrantes, por outro, coloca-se contra o maltrato de homens e mulheres escravizados/as e a existência de códigos penais baseados na cor.



“Quando este povo tiver bastante noção de seu direito para não mais estraçalhar escravos protegidos pela autoridade da lei: quando este povo souber pela historia natural o que é o homem e o que é a côr, para não admitir mais um código penal para os “homens” criminosos e outro para os “escravos criminosos”. (Castro, 1913, p. 136)

Por conseguinte, foi neste mundo oitocentista que negros/as e mestiços/as eram vistos com desconfiança, pois representavam um passado que precisava ser superado bem como símbolos de inferioridade, os quais poderiam comprometer o futuro da nascente república. Neste contexto marcado pelo racismo, preconceito e discriminação, Tito Livio de Castro enxerga na educação a saída para este dilema de cunho racial. Em seu segundo livro, *Questões e problemas*, publicado postumamente em 1913, o autor afirma que “os mestiços de todos os graus de cruzamento educam-se com facilidade, mostram-se tão habilitados como os europeus” (Castro, 1913, p. 100). Em seu diário pessoal,⁶ foi encontrada a seguinte anotação: “O homem pôde liberta-se de todos os preconceitos, menos o da côr. Para alguns criminosos há o remorso para alguns deserdados o amor proprio”. Um colega de Tito Livio, dos tempos do Pedro II, ao descrevê-lo nos revela algumas informações a respeito da subjetividade do futuro doutor em medicina²⁶: “era magro, débil e triste, e com o ar acanhado como o de um cathecumeno, e tinha além disso, evidentemente, o que notava com discípulos e mestres... tinha, com efeito a sua raça”. Romero, no prefácio da obra *A mulher e a sociogenia*, também discorre sobre este assunto.

Injustiças, grosseirias, perseguições, sofreu-as Tito Livio nos collegios que cursou e mesmo na academia. Seu genio absolutamente rigido no character, sua côr de mestiço irrecusável são capazes de explicar a origem desses ataques partidos de almas mesquinhas. (Romero, 1893, xij)

Os dois trechos acima citados nos apresentam, de forma muito nítida, dois exemplos da subjetividade desde jovem negro, a qual foi profundamente marcada pelo comportamento racista da sociedade na qual viveu. Sua cor também foi lembrada em seu obituário, quando o nosso protagonista foi classificado como mulato. Isso nos ressalta que a cor de Tito Livio não passava despercebida, sendo a mesma vista em

²⁶ O Paiz, 16/07/ 1890, p. 2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_02&pesq=a%20mulher%20e%20a%20ociogenia>. Acesso em 23 dez.2017.



determinados momentos como uma visão de futuro via assimilação do sangue negro e, em outras, com desconfiança e negatividade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tito Livio de Castro (1864-1890) foi um facultativo negro, de orientação *darwinista* do último quartel dos anos oitocentos, que deixou sua orientação teórica marcada de forma indelével em sua obra *A mulher e a sociogenia*. Livro escrito em 1887 que somente veio a público postumamente em 1893 devido aos esforços do Sr. Manoel da Costa Paes, seu protetor, criando-o e lhe propiciando condições de estudo, cujo nome consta no frontispício do livro como diretor da publicação. Na obra, o autor coloca-se a favor de uma melhor educação para a mulher, afirmando que, a partir de uma melhor instrução, o cérebro feminino alcançará um maior nível de evolução. Caso isto não ocorra, de acordo com o autor, a evolução da própria espécie humana estaria comprometida.

Filho de pais desconhecidos, ele foi enjeitado sendo exposto à porta de um comerciante lusitano chamado de Manoel Paes que o proveu com cuidados, ensinando-lhe as primeiras letras, bem como investindo em sua educação formal, a qual se deu no Lyceu Comercial, Colégio Pedro II e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se doutorou em 1889. Infelizmente, sua morte foi muito precoce tendo falecido, vítima da peste branca, em maio deste mesmo ano.

Tito Livio de Castro faz parte de um reduzido grupo de pessoas negras que vivenciaram o processo de escravização, mas que galgaram, tanto por meio de redes de sociabilidade quanto através dos estudos, posições privilegiadas no interior de uma sociedade racista que acreditava na inferioridade das pessoas negras. O perfil de Tito Livio, bem como deste reduzido número de homens e de mulheres negras, nos mostra trajetórias nas quais o desemprego, o subemprego, bem como estereótipos naturalizantes, não são observados apontando para possibilidades de histórias de vida multifacetadas e pluridimensionais, mesmo numa sociedade altamente hierárquica. São trajetórias de vida que podem ser discutidas à luz da Lei nº 10.639/2003.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Ana Maria Araujo de. *Um “mestiço irrecusável” Tito Livio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX*. 2008. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

BARRETO, Maria Renilda Nery. Doenças de mulheres na Bahia do século XIX. In: SARDENBERG, Cecília M.B.; VANIN Iole Macedo; ARAS Lina M^a Brandão (Orgs). *Fazendo Gênero na Historiografia Baiana*. Salvador, Neim/UFPB, 2001, p. 27-34.

BONFIM, Paulo Ricardo. *Educar, higienizar, e regenerar: uma história de uma eugenia no Brasil*. Jundiá, Paco Editorial, 2017.

BRASIL. *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília, SECAD, 2006.

CASTRO, Tito Livio. *Questões e problemas*. São Paulo, Empresa de Propaganda Literária Luso-brasileira, 1913.

_____. *A mulher e a sociogenia*. Rio de Janeiro, Francisco Alves &C, 1893.

COLLING, Ana Maria. As primeiras médicas brasileiras: mulheres à frente de seu tempo. *Fronteiras*, v. 13, n. 24, p. 169-183, jul./dez. 2011.

DIJK, van, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo, editora Contexto, 2012.

DORIA, Escragnolle. *Memória histórica do Colégio Pedro II: 1837 – 1937*. Brasília, Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, 1997.

FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*. São Paulo, Alameda, 2009.

FERRONATO, Cristiano de Jesus. *Das aulas avulsas ao Lyceu provincial*. As primeiras configurações da instrução secundária na província da Parahyba do norte (1836-1884). Aracaju Edise/Unit, 2014.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. *Em defesa da Sociedade*, 2 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2010.

_____. *As palavras e as coisas*. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

_____. *Genealogia del racismo*. La Plata, Altamira, 1996.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Identidades negras no Brasil: ideologias e retóricas*. In:

SALLUM JR, Brasílio et al (Orgs.). *Identidades*. São Paulo, Edusp, 2016, p. 49-64.

KROPF, Simone Petraglia. Um cientista em ação: Emmanuel Dias e a mobilização social em torno da doença de Chagas no Brasil. In: CARULA, Karoline; ENGEL, Magali G.; CORRÊA,

Maria L. *Os intelectuais e a não: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2013, p. 269-310.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *A mulher no discurso médico e intelectual brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MELONI, Reginaldo Alberto. A Organização da Disciplina de Physica-Chimica na Escola Secundária no Brasil: O Caso do Colégio Culto à Ciência de Campinas. *Química Nova na Escola*, v.34, n. 1, p. 35-40, 2012.

MEIRELLES, Nevolanda Sampaio et al. Teses Doutorais de Titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia, de 1840 a 1928. *GMBahia*, v. 1, n. 1, p. 9-101, 2004.

RODHEN, Fabíola. *A Arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX*. Rio de Janeiro, FioCruz, 2003.

ROMÉRO, Sylvio. Tito Livio de Castro. Prefácio. In: CASTRO, Tito Livio. *A Mulher e a Sociogenia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1893.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez. Trajetórias cruzadas e ação docente em luta por educação: André Rebouças, José do Patrocínio e Manuel Querino. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo (Orgs). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói, EDUFF, 2016, p. 191-216.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto - triste visionário*. Companhia das Letras, São Paulo, 2017.

SILVA, José Antonio Novaes da. Conquista de direitos, ensino de ciências/biologia e a prática da sangria entre os/as remetu-kemi e povos da região congo/angola: uma proposta de articulação para a sala de aula. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 9, n. 22, p. 149-175, jun. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/402>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

TAMBARA, Elomar. A educação feminina no Brasil ao final do século XIX. *História da Educação*, n. 1, p. 67-89, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

WAIZBORT, Ricardo; CARVALHO, André Luis de Lima. O cérebro progressivo de Domingos Guedes Cabral: usos do Darwinismo no Brasil em fins do século XIX. *Filosofia e História da Biologia*, v. 9, n. 1, p. 59-78, 2014.

Recebido em janeiro de 2018
Aprovado em março de 2018